

ESTIGMA: um passado de exclusão social que repercute no tempo presente

Caroline Angélica Ferreira Gonçalves¹; Jaciany Soares Serafim².

1-Acadêmica do curso de Psicologia da Faculdade de Saúde e Humanidades Ibituruna – FASI.

2-Docente do curso de Psicologia da Faculdade de Saúde e Humanidades Ibituruna – FASI.

Objetivo: Identificar o quanto o estigma contribui para o agravamento da exclusão social. **Materiais e Métodos:** Trata-se de uma revisão literária. Foram utilizadas as bases de dados Scielo e *Google academic*, com os referidos descritores: estigma, exclusão social, repercussão e tempo presente. Esses foram aplicados isolados ou agrupados pelo modelador booleano “and”. Foram incluídos artigos publicados na língua portuguesa e inglesa e excluídos artigos com mais de cinco anos de publicação. **Resultados:** O estigma promove uma relação excludente que se iniciou na idade média com a proliferação da lepra por toda a Europa em meados do século XVI, quando os doentes mentais e os leprosos foram banidos do convívio da sociedade. A igreja reafirmava essa condição à medida que atribuía estar leproso a um estado de caráter divino, determinando que a salvação só fosse possível por meio da exclusão. Sendo assim, após a contenção da lepra e com os leprosários vazios, esses locais passam a receber os excluídos sociais: mendigos, endividados, desempregados, pobres, epiléticos, libertinos, crianças órfãs, prostitutas, presidiários e todas as pessoas em situação de vulnerabilidade. O estigma, portanto, deteriora as identidades sociais, excluindo indivíduos de determinados grupos sob a égide de que representam uma inadequação e ameaça ao bom convívio social. **Conclusão:** Desta forma, pode-se depreender que o estigma potencializa a segregação dos vulneráveis e aquele indivíduo considerado inapto para o convívio em sociedade, torna-se um excluído social.

Palavras-chave: Estigma. Vulnerabilidade Social. Exclusão social.